

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTROS TIPOS CONTRA MULHERES NO ESTADO DO CEARÁ

Nathaly Almeida de Lima¹

Antônia Mylena Carmem de Lima²

Aline Moraes De Lima³

Edyna Silva dos Santos⁴

Gabriely Ferreira dos Reis⁵

Josinez Figueiredo de Souza⁶

Lívia Nonato de Souza⁷

Samyra Paula Lustoza Xavier⁸

Descritores: Violência Contra a Mulher. Violência doméstica. Delitos Sexuais.

INTRODUÇÃO

A violência, segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) em The World Report on Violence and Health (WHO) consiste no “uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. Esse fenômeno que acompanha a humanidade ocorre na sociedade e têm consequências para vítimas, perpetradores e comunidade e atinge pessoas de todas as idades, classes, gênero e raça/etnia de forma distinta (MINAYO, 2022; PINTO, 2022, SILVA, 2022).

A vista disso, a violência contra a mulher é qualquer ato que resulte, ou possa resultar, em dano físico, sexual ou psicológico, bem como em sofrimento; É considerado um fenômeno multidimensional. Por afetar mulheres em todos os períodos do seu ciclo de vida e estar presente em todos os países do mundo, representa um desafio para a Saúde Pública (VALE et al., 2022). Sob esse viés, estima-se que 35% das mulheres no mundo já tenham sofrido alguma forma de violência de gênero em termos físicos e sexuais, onde o parceiro íntimo tem sido o principal agressor (VALE et al., 2022).

Nesse contexto, destaca-se a enfermagem, que tem papel primordial no atendimento direto às vítimas, bem como na notificação dos casos observados durante o atendimento. Além disso, é relevante que o atendimento tenha uma visão holística das vítimas, com o objetivo de fornecer apoio e confiança para direcionar o cuidado e a assistência às angústias, vergonhas, sentimentos de humilhação e medos (CRISTINA, 2019).

Em vista disso, a violência contra a mulher é incontestavelmente um problema de saúde em todo o Brasil, essa temática afeta não só agravo físico como também psicológico, acarretando no adoecimento das vítimas e em acúmulo de traumas que perduram pela vida toda, contribuindo para o desgaste na qualidade de vida. Dessa forma, todos os profissionais da saúde, mas em particular o enfermeiro deve atuar com a escuta ativa, o acolhimento, o não julgamento e a realização dos princípios e diretrizes do SUS que garantem a equidade, integralidade e universalidade.

Em síntese, no que concerne ao enfermeiro é de suma importância olhar o usuário (a) de forma holística considerando as suas individualidades e fragilidades e em consonância a isso conseguir uma articulação interprofissional visando garantir o cuidado de forma integral.

OBJETIVO: Identificar o perfil das notificações de violência contra a mulher e discutir sobre possíveis intervenções baseadas na interprofissionalidade na assistência à saúde.

MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo intervenção, com abordagem quantitativa, sobre violência doméstica, sexual e outros tipos em mulheres no estado do Ceará, realizado no período de julho de 2024. A coleta de dados ocorreu a partir das informações disponibilizadas no site do Ministério da Saúde TABNET/DATASUS (<https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>). A amostra foi delimitada pelo período de 2020 a 2022, e utilizou-se os dados fornecidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação- SINAN, que dispõe a quantificação do número de doenças e agravos que fazem parte da lista nacional de notificação compulsória.

Foram utilizados como critérios de inclusão os casos de violência que tenham sido provocados contra pessoas do sexo feminino, que estas fossem habitantes do estado do Ceará e estivessem entre a faixa etária de 20 a 59 anos de idade. Os critérios de exclusão foram residentes de outro estado brasileiro, pessoas do sexo masculino e idade igual ou inferior à 19 anos. A análise foi realizada através de estatística descritiva simples e comparativa entre os diferentes descritores socioeconômicos: raça (branca, parda e preta) e escolaridade (analfabeto a médio incompleto e médio completo a superior completo).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados capturados na plataforma DATASUS/TABNET apresentam uma organização conforme a unidade federativa, unindo diversos tipos de violência, a saber: sexual, doméstica e outros tipos. No Estado do Ceará, no período de 2020 a 2022, os dados referentes a casos de violência e as variáveis correlatas estão descritas na tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Notificações de violência sexual, doméstica e/ou outras violências quanto ao nível d escolaridade e a raça da mulher. Iguatu, Ceará, Brasil. 2025.

Violência Sexual, Doméstica e/ou outras violências			
Descritor: Escolaridade Ciclo de vida: 20 a 59 anos UF: Ceará Ano: 2020 a 2022	Raça: Parda	Raça: Preta	Raça: Branca
Analfabetas, 1ª a 4ª Série Completa do EF, 5ª a 8ª Série Completa do EF, EF Completo, Ensino Médio Incompleto	2.950	301	392
Ensino Médio completo, Educação Superior Incompleta, Educação Superior Completa	3.531	237	905

Fonte: DataSus- Tabnet

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 35% das mulheres de todo o mundo são vítimas de violência doméstica, em sua maior parte, por seus parceiros. E, de acordo com um estudo realizado no Brasil, a partir de levantamento de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no período de 2011 a 2015, as notificações de violência contra as mulheres cresceram, passando de 75.033 para 162.575. A violência atinge não apenas o físico, mas causa traumas psicológicos e emocionais e constitui uma das principais formas de violação dos seus direitos humanos.

Tendo em vista a magnitude desse problema de saúde pública e diversos fatores que exercem forte influência para a ocorrência desses casos, entende-se que não basta responsabilizar o Estado, evitar a violência contra a mulher se configura também em um trabalho social, onde todos estão envolvidos.

Quanto a propostas de intervenção a nível de órgãos de apoio, o enfrentamento da violência contra a mulher compreende as dimensões da prevenção, da assistência e da garantia de direitos das mulheres. Essas dimensões compõem os eixos estruturantes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Os eixos são voltados para a prevenção, com a criação de ações educativas que eliminem os padrões relacionais sexistas e promovam uma equidade de gênero; assistência, com o fortalecimento da rede de atendimento e capacitação de agentes públicos; enfrentamento e combate, que estão associados a ações punitivas e ao cumprimento da Lei Maria da Penha; e acesso e garantia de direitos, em respeito aos tratados internacionais de direitos humanos e a promoção de iniciativas para a autonomia das mulheres (Ministério da Saúde, 2011).

No tocante a contribuição da enfermagem nesse processo de enfrentamento das formas de violência contra mulher, é lícito postular, a capacidade dessa categoria profissional em executar ações de educação em saúde, realizar notificação dos casos suspeitos e confirmados, realizar visita domiciliar (nesse caso, a presença do agente comunitário de saúde é indispensável, devido ao conhecimento da área), acolhimento da vítima, participação em atividades de educação permanente, sensibilizando os profissionais sobre sinais importantes na identificação de exposição a violência. Nessa perspectiva, para que seja oferecido um atendimento pautado no princípio da integralidade junto a essas mulheres, é essencial a realização contínua de qualificações, e que essas sejam fundamentadas nas políticas e práticas de saúde, somente assim o profissional terá subsídios para conseguir identificar e intervir nos casos de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pôde-se inferir que apesar de ser uma temática que perdura ao longo dos anos, a violência contra a mulher continua a ser um problema de saúde pública, visto que os índices de feminicídio também continuam a ser alarmantes. Sob essa perspectiva, o presente estudo pode expor a quantidade de notificações de violência por diferentes indicadores, demonstrando que a quantidade de notificações quando relacionadas a raça e escolaridade flutuavam entre diminuição e aumento. Nesse sentido, as diminuições de notificações puderam ser observadas quando o indicador era raça, principalmente preta, em seguida, pode-se observar também que o aumento de notificações se eleva quanto maior o nível de escolaridade como foi visto no caso do indicador raça branca, entretanto, ao passo que ele aumentou, as notificações de raça preta diminuíram podendo considerarmos que o índice de pessoas pretas, que possuem escolaridade alta, eram menores.

Em conclusão, as portas de entrada aos serviços podem se dividir em baixa, média e alta complexidade, mas em todas elas o profissional Enfermeiro tem o papel de cuidar do usuário

de acordo com as suas demandas e oferecer a escuta ativa e explicar todos os direitos e opções que as vítimas de violência possuem para conseguirem retomar a vida e recomeçar.

REFERÊNCIAS

MINAYO, Souza et al. A violência nossa de cada dia, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/W5fnbCRywfrLtSKvD4RzQqp/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. 2020. Escola Anna Nery. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/#ModalTutors>. Acesso em: 01 jul. 2024.

¹Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri - URCA, email: nathaly.almeida@urca.br

²Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: mylena.carmem@urca.br

³Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: aline.morais@urca.br

⁴Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: edyna.santos@urca.br

⁵Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: gabriely.reis@urca.br

⁶Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: josi.figueiredo@urca.br

⁷Discente, Graduanda em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri – URCA, email: livia.nonato@urca.br

⁸Docente, Doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Universidade Regional do Cariri - Urca, email: samyra.xavier@urca.br